

Miguel Carvalho

A última criada de Salazar

A vida doméstica e os dias do fim

OFICINA
DO LIVRO

Índice

Introdução	13
Preâmbulo	19
I – De Favaios a São Bento	29
II – O homem das pequenas coisas	57
III – A ditadura doméstica	71
IV – Senhoras, cartas e o António delas	105
V – À mesa em São Bento.....	125
VI – O princípio do fim	145
VII – «A luz apaga-se devagarinho...»	177
VIII – Shakespeare em São Bento	199
IX – As últimas palavras	221
X – Depois do adeus	241
Epílogo	261
Agradecimentos	265
Bibliografia consultada	267

I

De Faviaos a São Bento

Rosália Araújo nasceu a 28 de maio de 1951.

Óscar Carmona, Presidente da República, morrera há pouco mais de um mês e, como ela cedo perceberá, o dia do seu nascimento não podia estar mais ligado ao que o futuro lhe reservaria.

Além de trazer boas recordações aos homens do regime, a data em que Rosália veio ao mundo coincidia com as bodas de prata do golpe militar que instaurara a ditadura, circunstância que faria sorrir Oliveira Salazar, quando a «pequena» foi trabalhar e viver para São Bento, em Lisboa.

A menina é a décima na descendência de um casal de padeiros pobres de Faviaos que, já com quatro filhos, se estabelecera a mais de 30 quilómetros de distância, em Abaças, no concelho de Vila Real.

Ali iam vender o pão numa burra, todos os dias, mas, por não haver padaria, foram desafiados a abrir uma na aldeia. Ficaram 24 anos.

Tal como os irmãos mais novos, Rosália nasceu em casa.

A mãe, Maria da Conceição, já com 47 anos, deu à luz sem parteira.

«Fez o *serviço* sozinha.» No dia em que romperam as águas estava rouca. Teve de bater palmas para as filhas ouvirem e descerem a correr do andar de cima, vindo acudi-la.

Recebe a bebé sem o fulgor dos primeiros rebentos e vergada de canseiras. «Levem *prai* isso!», resmungou.

Isso era Rosália, que logo as irmãs embrulharam num trapo, enquanto preparavam o primeiro banho.

O fosso de idades entre irmãos vai notar-se pela vida fora.

O padrinho de Rosália será o irmão mais velho, já casado e com dois filhos. Tratá-lo-á sempre por senhor, beijando-lhe a mão e pedindo a bênção.

Os pais regressariam em definitivo às origens nos idos de 1955, esgotados da vida dura que levavam, tentando assentar, mas sempre madrugando pelo pão de cada dia. Rosália tinha então 4 anos.

Favaios era uma aldeia de sobrevivências e remedeios encravada no interior transmontano. Situada no sopé da serra do Vilarelho, 600 metros acima do nível das águas do Douro, a terra tem verões de canícula e invernos de geadas e sincelo, quando a chuva congela durante a noite.

Na aldeia, nunca o manto de tristezas, remedeios e aflições evitou que o pé do povo escapasse para alegrias e tradições que deram brado em épocas esquecidas. A primeira casa de espetáculos de toda a província, com dimensões invulgares, foi inaugurada na terra em 1919, gerando invejas e ciúmeiras na região.

As artes de palco e cinematográficas sempre tiveram em Favaios grande acolhimento e praticantes. Gerações sucederam-se ao ritmo das exibições e das representações das grandes figuras da cena teatral portuguesa que, amiúde,

montavam tenda na aldeia com as peças mais célebres do seu reportório.

Mas a fama só de raspão tinha passado por ali.

De todas, a figura de mais reverência havia sido o padre Agostinho Veloso, que mantivera acesas polémicas nos periódicos dos anos 1930 a propósito do divórcio e do adultério, fazendo jus a uma escrita com garra e verbo camiliano. Deixou várias obras com ensinamentos religiosos e casadoiros, alguma poesia e umas quantas referências meritórias que lhe valeram breve nota na *Enciclopédia Verbo*.

Sobre o caráter das gentes de Favaios, tinha a polícia política do regime muito que contar.

Os velhos guardarão na memória o dia em que agentes da PIDE e guardas da GNR entraram na aldeia, pela noite, para prender um cidadão da terra, suspeito de conspirações contra a «Situação» e outras malfeitorias. Tocaram os sinos a rebate e saiu-lhes o povo ao caminho, armado com mocas de urze, forquilhas e espingardas. Só a mediação de pessoa influente evitou o pior. O povo serenou, os perseguidores respiraram de alívio e deram meia volta sem cumprir a missão.

Aldeia vinhateira, de cujo moscatel se falará no mundo, Favaios animava-se ou deprimia ao sabor das vindimas.

Quando estas não correm de feição, lavra o desânimo e a descrença. Então, vive-se na maior das misérias. «Há fome, dificuldades e doenças», relata, indignada, a imprensa regional. As páginas dos periódicos locais trazem a lume casos de famílias onde nove pessoas tuberculosas vivem na mesma habitação. Noticiam-se situações «chocantes» de crianças de 4 e 5 anos iniciadas na lida doméstica e que ficam sozinhas a tomar conta de irmãos de berço.

Quarta rapariga e última da criação, Rosália estava também por sua conta e risco. Rapidamente percebeu que a condição e a idade dos pais não lhe permitiriam o tempo e os mimos de quem cresce criança, devagarinho. «Tive uma infância muito, muito triste, sem carinho. O que me doía mais era não ter amor.»

O pai, Luís da Rocha, até dava ares de santo, «mas não tinha feitio para grandes fadigas». A mãe, essa sim, mourejava de sol a sol, «mas já não tinha condições para me dar meiguices. Estava farta de trabalhar e tinha uns nervos desgraçados. Por tudo e por nada, era logo porrada no lombo.»

A rapariga vai para a escola, ainda faz a quarta classe. Mas a professora é rude, «também lhe dava para bater». Os alunos têm-lhe medo, tremem só de a ouvir. «Quando berrava, ouvia-se na farmácia.»

Sempre que pode, Rosália foge às aulas, escondendo-se debaixo da cama. Quando a descobre, a mãe puxa-lhe as orelhas e devolve a miúda à procedência. «Carregue-lhe!», recomendava à professora, na volta.

Anos mais tarde, aos domingos, Maria da Conceição irá atrás dela, com uma vide ou um chicote disfarçados no avental. Encontrá-la-á animada nos bailes do quartel dos bombeiros em Sanfins para onde Rosália, travessa e endiabrada, se punha a caminho a cavalo num burro com as amigas. Às cinco horas, «ao toque das trindades», sabia que a esperavam em casa. «Ó estavas! Éramos danadas para a dança. Eu sabia que apanhava uma tarefa nesse dia, mas arriscava sempre.»

Desde tenra idade, a rapariga aprendera a cozer o trigo de quatro cantos, afamado pão regional, que ajudava a

enganar uma vivência de migalhas. Passa noites na padaria a peneirar a farinha.

Os dias são duros como côdeas. «A gente nem pensava em sonhos.»

A água vinha da fonte e a luz da candeia de petróleo. «Vais ficar aqui nesta vida?», desafiava a mãe. «Com razão. Quem tinha posses para ter os filhos em casa ou na escola? O futuro da gente era amassar sacas de pão.»

A família percebe a urgência de dar outro rumo a Rosália.

A mãe recorre então a uma cunhada da filha. Pede um emprego para a catraia na capital. Dá-se o caso da familiar ser irmã de Maria José, empregada de Maria da Conceição de Melo Rita, *Micas*, concunhada da poderosa governanta – a quem tratava por tia – e protegida de Salazar, a quem chamaria «pai adotivo».

Rosália tem então 13 anos.

O seu mundo é Favaios, o resto paisagem.

No saber precário das gentes da terra, Lisboa é pouco mais do que um ponto longínquo no mapa, cidade de oportunidades e de perdição, de onde um homem inacessível, que ninguém alguma vez vira ou tocara, manda no País, «senhor do mundo».

Mas o imaginário das mulheres aldeãs via mais longe.

As mães sabem o destino de miséria que espera as filhas se não saírem de perto das suas saias. Não as querem ver crescer ao seu lado. Por isso, qualquer saída do regaço materno era vista como uma promoção. «Naquela altura, a gente ia trabalhar só pelo comer.»

O pedido para Rosália bate a porta certa.

Micas, mãe de duas crianças, não chega para as encomendas, e a rapariguinha do Douro pode bem ser a companhia certa dos miúdos, enquanto a patroa se dedica a uma vida de trabalho e outros afazeres.

Rosália parte para Lisboa olhando para trás, de lágrimas incontidas.

No coração, um aperto. Na mala, «uns trapos».

Vai de comboio do Pinhão até à estação de São Bento, no Porto, e daí para Lisboa. Sempre guardada por contereâneas que também iam de viagem.

À sua espera, em Santa Apolónia, tem o irmão e a cunhada.

Para a pequena, de longos cabelos compridos e olhar doce, todo o cenário é novo, grande, esmagador.

Nessa noite, dorme em casa de familiares.

No dia seguinte, Rosália abala para a Parede e instala-se em casa de *Micas*, para ficar.

A protegida de Salazar era mãe de um rapaz e de uma rapariga.

O primeiro parto fora complicado, causando danos irreversíveis no bebé.

Desde os primeiros anos que a casa de Salazar será também a do pequeno Antoninho, como era carinhosamente tratado em família e pelas serviçais de São Bento. O miúdo nascera em 1958 e os sinais de atraso na aprendizagem serão detetados aos 3 anos pelo próprio Presidente do Conselho, que paga do seu bolso o colégio especial onde a criança é inscrita. Ao mesmo tempo, por recomendação médica do coimbrão Bissaya Barreto, antigo colega universitário e velho amigo de Salazar, Antoninho continuará em São Bento. Manter-se-á sob o olhar atento da governanta

Maria de Jesus e protegido pelos afetos ocasionais do ditador, que dá também instruções pueris sobre a mudança das fraldas e o amornar do leite.

Na verdade, Salazar demonstra «muita paciência» para o petiz, sorrindo mesmo quando Antoninho invade reuniões com ministros. «Ele dava um espirro e o homem já não sossegava», dirá Manuel, o pai.

Margarida, segunda filha de *Micas*, nascera em 1960.

Tem quase 5 anos quando Rosália vai tomar conta dela. Passam os dias nos baloiços, em brincadeiras. A *Guidinha* entretém-se com a nova amiga. Esta pouco mais tem em que pensar, se descontarmos as ajudas nas limpezas e as... saudades. «Tratavam-me bem, eram boas pessoas. O que eu queria era brincar, mas sentia falta da minha casa e dos meus pais...»

Nisto se passa um mês.

Maria, madrinha de *Micas*, administradora da vida caseira de Salazar, andava preocupada: precisava de alguém que fizesse companhia ao Antoninho, em São Bento. Para as tarefas e faxinas da casa, a governanta recruta raparigas pobres nos asilos e nos colégios, mas o catraio requer atenções especiais. Além disso, precisa de quem o entretenha, de preferência com idade aproximada.

Rosália encaixa-se no perfil.

A sugestão parte da própria *Micas*, que observara os cuidados da pequena com a filha. Falara do assunto nos almoços diários em São Bento, hábito que mantinha mesmo depois de deixar de ser a protegida da casa. *Micas* e Maria decidem então que Rosália será a eleita.

A governanta ordena que a rapariga se apresente na residência oficial do Presidente do Conselho nos primeiros

dias de fevereiro de 1965. Até abandonar a casa de *Micas*, Rosália nunca imaginara a possibilidade de trabalhar «para o senhor doutor».

Nessa altura, o velho inquilino do palacete já dobrara os seus melhores dias. Os tempos são agora agitados, entregando-o, contrariado, a preocupações e lamentos.

O ano anterior, de resto, terminara aceso.

O general Humberto Delgado não descansara de conspirações e chegavam notícias da sua ofensiva oposicionista no estrangeiro. A Ação Socialista Popular juntara, na Suíça, Mário Soares, Tito de Morais e Francisco Ramos da Costa, com a ditadura na mira. A Guerra Colonial ganhara novas frentes de batalha, sobretudo em Moçambique. Por cá, movimentos marxistas-leninistas ganhavam corpo, o PCP não dava descanso à PIDE, a polícia do regime, e os estudantes universitários arriscavam prisões em protestos contra a política de ensino e o regime.

Salazar queixa-se, amiúde, aos ministros do desconforto e cansaço das funções executivas, onde permanece desde 1928, ano em que se estreou como ministro das Finanças. «É preciso ter cuidado e escolher alguém que tenha a capacidade de trabalho que eu já não tenho», confessa a Franco Nogueira, ministro dos Negócios Estrangeiros.

A sucessão entrara na agenda.

Os discursos em público pesam-lhe arrobos, pesadelo do qual sempre desejou ver-se liberto. Surge mais vezes acabrunhado aos interlocutores e nem os «divertimentos» o comprazem.

Escuta Debussy, mas não pode ver cinema, alega, porque o sentido crítico lhe consome tantas energias como se

estivesse a trabalhar. Batera já alguns recordes a esse respeito, pois, em oito longos anos, pusera apenas por duas vezes o pé numa sala de cinema e outras tantas num teatro.

Em épocas de governação à vista, lia livros antigos e biografias de grandes figuras históricas, páginas que o levam à conclusão de que o homem «foi sempre o mesmo em todos os tempos». Livros policiais também não o distraem, confessara. No fundo, acaba sempre por voltar aos velhos autores portugueses, clássicos, antigos, com o Padre António Vieira em lugar de honra.

A televisão não é, para ele, um vício, mas abre exceções: em finais de janeiro de 1965, as cerimónias fúnebres de Winston Churchill, primeiro-ministro britânico, mantêm-no colado ao ecrã.

É neste tempo que Rosália entra em São Bento.

No dia aprazado, *Micas* faz questão de levá-la à Calçada da Estrela. Quando chegam, Maria de Jesus já está à espera. «Agora vais conhecer o senhor doutor Salazar. Tens de tratá-lo por Sua Excelência», diz-lhe, antecipando, logo ali, as regras da casa.

Tímida e sem jeito, Rosália é apresentada então ao português mais poderoso, «toda atrapalhada e sem saber o que dizer».

Salazar, paternal, mas sem euforias, põe-na à vontade, dando-lhe as boas-vindas. «A menina Maria tem mais facilidade em escolher uma criada do que eu um ministro», reconhecerá o homem que manda no País à mulher que governa os dias dele.

Rosália instala-se então no palacete para onde o ditador se mudara em maio de 1938, embora, à época, a zona do

parque ainda estivesse em obras e a inauguração oficial só tivesse lugar quase um ano depois.

A transferência fora decidida dois anos antes na sequência de um atentado à bomba falhado contra o chefe de Governo, quando este se preparava para assistir à missa numa capela particular, na Rua Barbosa du Bocage, em Lisboa.

Salazar escapara ileso, mas a segurança de Estado impusera a mudança definitiva da residência da Rua Bernardo Lima para São Bento.

A propriedade, em cujo edifício principal viviam 52 religiosas, fora adquirida pela Fazenda Pública por um total de 2410 contos, englobando terrenos e prédios adjacentes.



EMPRESA DE TRANSPORTES GALAMAS, L.^{DA}
MUDANÇAS
RUA VITÓRIA D. 10
TEL. 7-3535

TELEFONES (Das 8.30 às 20 horas 2 8356
Chamadas noturnas 2 8410

EMPRESA DE TRANSPORTES GALAMAS, L.^{DA}
RUA DA VITÓRIA, 10
MUDANÇAS EM TODO O PAÍS
E PARA O ESTRANGEIRO

Contractos por empreitada para grandes transportes de toda a espécie
Expedições para o estrangeiro — Despachos no Caminho-de-Ferro — Embalagens Allândega — Seguros — Guarda - móveis

Lisboa, 2 de Junho de 1938 N.º 8011

Débito do Ex.^{mo} Sr. DOUTOR ANTONIO DE OLIVEIRA SALAZAR
pelos serviços efectuados conforme a descrição seguinte: **DIGM. PRESIDENTE DO CONCELHO**

Dia	N.º de ordem	Descrição	IMPORTANCIA
		Mudança do mobiliario da residencia na rua Bernardo Lima, n.º 64 para o Palacio da Assembleia Nacional em auto-capitonés com pessoal.....	550.800
Recebemos: quinhentos e cinquenta escudos			
Total Esc.			550.800

Empresário: **OS50 OS10 S L^{DA}**
Antonio de Oliveira Salazar

RECEBEMOS
ANTONIO SALAZAR
PRESIDENTE DO CONCELHO

Total Esc. 550.800

Na sequência de um atentado falhado, Salazar muda-se para o palacete de São Bento por razões de segurança. Tudo o que será usado no primeiro andar da residência oficial, o mais privado, é escolhido e pago por ele.